

CARTAS NARRATIVAS SOBRE COTIDIANOS ESCOLARES – MOVIMENTOS DE PALAVRAS FALADAS E PALAVRAS ESCRITAS

■ DÉBORA MEDEIROS DO AMARAL

<https://orcid.org/0000-0002-8097-087X>

Universidade Federal do Rio Grande

■ ALINE MACHADO DORNELES

<https://orcid.org/0000-0001-7110-9378>

Universidade Federal do Rio Grande

RESUMO

Pensar e fazer escola, reconhecendo a complexidade de seu cotidiano e a construção de conhecimentos que ali acontecem exige de trabalhadores/pesquisadores/investigadores da educação a compreensão da escrita como uma possibilidade de relatos da experiência, de registros do cotidiano. Com isso, tem-se como objetivo compreender as pedagogias, as vivências e os conhecimentos tecidos nos cotidianos. Na busca de tecer uma conversa-escrita sobre cartas narrativas, aqui compreendidas como: possibilidades do exercício da palavra falada e da palavra escrita. Fundamenta-se no dispositivo metodológico para o desenvolvimento de investigações narrativas e também como processos/presenças de documentação pedagógica. A concepção de cartas narrativas é assumida e apresentada como de reencontro com a narrativa, com a pesquisa educativa que se vive, sendo um dos resultados encontrados o registro de memórias que nos permitem a vivência atenta de uma escuta sensível à escola e a docência, apontando assim possibilidades de documentar experiências de vida e formação, em busca de pedagogias outras.

Palavras-chave: Cartas narrativas. Cotidianos escolares. Investigação narrativa.

ABSTRACT

NARRATIVE LETTERS ABOUT SCHOOL DAILY LIFE – SPOKEN WORDS AND WRITTEN WORDS MOVEMENTS

Thinking and doing school, recognizing the complexity of their daily lives and the construction of knowledge that takes place there, re-

quires education workers/researchers/researchers to understand writing as a possibility of recording and an invitation to conversations in these spaces and their interactions. Freire already told us that the School is made of people. People who have history, experience and knowledge. People who are practitioners of their daily lives. People who are on a date. Encounters that need to be told, narrated, revisited. This text seeks to weave a written conversation about narrative letters, understood here as possibilities for the exercise of the spoken and written words. Here, the concept of narrative letters is assumed and presented as a re-encounter with the narrative, with the research that is lived, with the memories of teaching that lead us to document the experiences of life and training.

Keywords: Narrative letters. School everyday life. Narrative research.

RESUMEN

CARTAS NARRATIVAS SOBRE LA VIDA COTIDIANA ESCOLAR – MOVIMIENTOS DE PALABRAS HABLADAS Y DE PALABRAS ESCRITAS

Pensar y hacer escuela, reconociendo la complejidad de su cotidiano y la construcción de conocimiento que allí se lleva a cabo, exige a los trabajadores/investigadores/investigadores de la educación entender la escritura como posibilidad de registro e invitación a las conversaciones en estos espacios y sus interacciones. Freire ya nos decía que la Escuela está hecha de personas. Personas que tienen historia, experiencia y conocimiento. Personas que son practicantes de su vida diaria. Personas que están en una cita. Encuentros que necesitan ser contados, narrados, revisitados. Este texto busca tejer una conversación escrita sobre las letras narrativas, entendidas aquí como posibilidades para el ejercicio de la palabra hablada y escrita. Aquí se asume el concepto de cartas narrativas y se presenta como un reencuentro con la narrativa, con la investigación que se vive, con las memorias de la docencia que nos llevan a documentar las experiencias de vida y de formación.

Palabras clave: Cartas narrativas. Rutinas escolares. Investigación narrativa.

Cartas narrativas: um convite à conversa escrita

A experiência com a escrita de cartas narrativas inicia-se no ano de 2019, quando nos aproximamos para trilharmos juntas, orientanda e orientadora, a caminhada no campo da pesquisa em Investigação Narrativa (Auto)biográfica e do estudo com/dos/nos cotidianos, por meio do Doctorado en Educación, no Programa Específico de Formación en Investigación Narrativa y (Auto)biográfica en Educación na Universidad Nacional de Rosario – Argentina. Nessas andanças investigativas, vamos juntas revisitando a experiência em gestão escolar em uma escola pública, atentando sensivelmente para pistas que nos apontem presenças de *pedagogias outras*. Viver, pensar e sentir a escola nos transforma. Em nossas trajetórias formativas e profissionais, percebemos que os conhecimentos construídos de forma coletiva na escola nos trazem a necessidade de uma ciência outra, de possibilidades outras de fazer pesquisa com/na escola, movidas pelo compromisso social de narrar as experiências vividas no cotidiano escolar, na ousadia de ser e fazer escola. São movimentos que nos permitem a constituição de uma pesquisadora narrativa (SOUZA, 2018), uma vez que as cartas narrativas têm nos permitido aprender a pensar e a escrever narrativamente.

Nos movimentos da pesquisa, nessa busca e atenção às pistas que deixamos ou encontramos no caminho, encontramos na escrita das cartas narrativas uma possibilidade metodológica, uma forma de convite à conversa-escrita. Skliar (2018) nos conta que “uma conversa abre uma brecha no tempo”, uma conversa é capaz de nos fazer ausentar-nos da urgência e da pressa, uma conversa-pausa. As palavras de Skliar e seu olhar sobre a conversa nos permitem pensar sobre os encontros da escola: a sala de aula, o café com os professores, as

reuniões com os pais, os *tempoespaços*¹ formativos... Quantas conversas, partilhas, *saberesconhecimentos* anunciados na escola de forma oral, na vivência da palavra falada, que só pode ser guardada na memória, ou em fragmentos de memória. Compreendemos as conversas como possibilidades de compreensão e vivência da escola. E apostamos na escrita das cartas narrativas como uma possibilidade de documentar os saberes da experiência, os conhecimentos construídos nos contextos das escolas de Educação Básica, por acreditarmos que suas professoras e professores são produtores de conhecimento e fazedores de ciência.

A escrita de cartas narrativas é também uma possibilidade de relatos da experiência, e é essa experiência vivida e sentida nos cotidianos escolares que nos move a pesquisar narrativamente, pois, como nos conta Domingo (2016, p. 15-16),

[...] me permite expresar el inicio del que arrancará todo lo que sigue: que nuestro oficio educativo, como oficio de lo humano puede ser origen de experiencia: en primer lugar, es algo que se vive. Es este vivir la educación lo que invita a prestarle atención a lo que nos pasa en ella; es decir, a considerarla de un modo existencial, como algo que nos afecta en muchas facetas de nuestro ser.

Assim, afetadas pelas experiências vividas na escola, este texto busca dialogar sobre a importância de dizer as palavras e de guardá-las, propondo movimentos entre palavras-faladas e palavras-escritas. Buscamos na escrita das cartas narrativas compreender/conversar

1 Inspirados nos estudos e pesquisas com os cotidianos (ALVES, 2001; GARCIA e ALVES, 2002), unimos este e outros termos, compreendidos pela ciência moderna como excludentes e/ou dicotômicos com a intenção de, na perspectiva da epistemologia da complexidade, revelar a indissociabilidade e a retroalimentação constitutivas desses pares correlacionados.

com as pedagogias, as vivências e os conhecimentos tecidos nos cotidianos.

Em conversa-leitura com Fiori (2017), compreendemos que dizer a palavra, a nossa palavra, a palavra da escola é um aprendizado. No encontro com as memórias sobre a escola, compreendemos que dizer a palavra no contexto da Educação Básica, muitas vezes, faz-se pela oralidade, pela palavra falada. Talvez, nós educadores tenhamos nossas rotinas de trabalho tão marcadas pela urgência e pela pressa, que nos faltam tempos e espaços para a conversa-escrita. Em alguns momentos, a escrita que se vive na escola é para cumprir com os processos burocráticos, comunicar ações e organizar rotinas. Encontramos na oportunidade de dizer a palavra por meio da escrita de cartas narrativas uma possibilidade de conversa sobre os cotidianos escolares em sua complexidade.

A escrita de cartas narrativas é um convite à conversa-escrita. Entendemos que uma conversa-escrita se dá por meio de movimentos entre as palavras faladas e as palavras escritas, sendo assim um convite a narrar o vivido pela linguagem escrita. As cartas narrativas são possibilidades de vivenciarmos o lugar da escrita, assim, no contexto escolar, é um convite às professoras e professores a “[...] aprender a escrever a sua vida como autor[a] e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se” (FIORI, 2017, p. 12).

As palavras faladas vão ganhando novas formas quando transformadas em palavras escritas. Na escrita de cada carta, as palavras vão sendo escolhidas cuidadosamente, com o compromisso de contar sobre a vida, sobre as descobertas, sobre as inquietações, sobre os conhecimentos construídos nos cotidianos escolares.

No exercício da escrita das cartas narrativas, vamos reconhecendo as cartas como possibilidades de dispositivos metodológicos,

fundamentada na investigação narrativa a partir das dimensões epistemológica, metodológica, política e estética (SOUZA, 2020), que nos permitem conversar sobre alguns questionamentos que constituem nossas intenções de pesquisas, que emergem dos nossos encontros com a escola: o que podemos aprender com as palavras – faladas e escritas – e experiências desde a escola e não sobre ela? Que experiências e desafios nos marcaram no fazer da escola? O que significaram os *tempoespaços* de formação docente e discente na constituição do fazer escola? Que deslocamentos – de vida e de formação – marcaram os processos de constituição docente e de gestão escolar na construção de uma educação popular?

Assim, nesse trilhar, vamos significando a presença das cartas narrativas na vida e nas trajetórias profissionais. Nesse sentido, compartilhamos algumas cartas narrativas escritas em um contexto pandêmico, que contam, registram e ensinam sobre educação, pesquisa e vida.

Uma carta ao tempo

Tempo!

Escrever tem sido uma vontade, uma presença e uma busca nesses dias pandêmicos. Os dedos não param, são tantas mensagens, *e-mails*, textos e mais textos que exercem o compromisso de comunicar, pedir, avisar, construir. Os cadernos vão sendo preenchidos de listas, demandas e ideias de trabalho que aumentam a cada dia. O exercício da escrita aumentou com o trabalho remoto. E junto com a escrita, a leitura! A primeira ação da manhã, ainda com os olhos abrindo é o susto por poder ter perdido alguma mensagem importante, ter deixado algum compromisso passar, ter esquecido alguma reunião.

Acordar! Uma ação que eu gosto de fazer de forma espontânea, no tempo e nos sinais

do corpo, o que é um sonho e um privilégio de poucos dias, pois geralmente meu sono é interrompido pelo som do despertador e, na soneca, iludo-me a cada 5 min pelo prazer de voltar a dormir. Um dia desses sonhei que eu era estudante, e rapidamente voltei a dormir, fazendo conta de cabeça do meu percentual de frequência. A gente bem que podia ter a mesma regra no trabalho, direito a 25% de tempo livre, de vida para fazer o que tem vontade!

Trabalhar, escrever, dormir, acordar, resistir! Cinco verbos que vêm marcando meu cotidiano, provocando marcas no tempo, no corpo e na vida. Resistir, insistir, resistir! Mas como? Efeito ostra? Efeito bolha? Não brigar mais por política? Não fazer enfrentamentos? Cuidar mais de mim?

Quantas perguntas! Somos grandes companheiras! Desde pequena, quando ainda olhava o mundo por debaixo da franja, tinha a habilidade de fazer perguntas e já me intrigava com a vida e o tempo. Lembro de olhar para o céu e pensar: será que alguém nos observa? Perguntava-me sobre o nome das coisas, as origens e amava fazer perguntas às pessoas! Quem tu és? O que tu fazes? De quem tu gostas? De onde tu conheces meu pai?

Nesse acelerado do tempo, nessa insistência cada vez mais forte que ele tem de passar pela gente, ou de nos fazer correr sobre ele, fui perdendo ou guardando em algum lugar pedaços de mim: perdi um tanto de inocência, um tanto de fé, um tanto de crença no outro, a franja, a liberdade de dormir mais, mas a habilidade com as perguntas segue aqui, acompanha-me! Parece que elas só aumentam! Nasce uma pergunta, que gera outra, que chega acompanhada de muitas perguntinhas.

De 2020 para cá, tenho vivido dias de muitas perguntas! Algumas eu ainda não tive a ousadia de escrever, ou mesmo pronunciar em voz alta. Os tempos de incerteza são como

adubo para fazer brotar perguntas. Quando inseguros, perguntamo-nos mais sobre a vida, sobre o que fazer, e o que se passa. Aos poucos, vamos perdendo a capacidade de perceber o presente, o tempo do agora, porque somos envolvidos por um conjunto de perguntas que nos levam ao futuro.

O mundo virou! E nós, seguimos aqui, abrindo brechas, provocando pausas nesse presente acelerado, acreditando no poder do encontro e no poder da palavra. Movemo-nos entre sentimentos de caos e esperança. Mas na roda se faz o giro!

Tempo, quantas vezes cantei como um pedido de trégua: tempo, tempo, tempo, faço um acordo contigo! Na maioria das vezes, parece que esse acordo é esquecido, pois tem dias que escorrem entre os dedos, tem dias que não dou conta do tanto de cobrança, trabalho, sonho! Ah e sono! Mas tem momentos que você me escuta, e quando a gente entra em acordo, e nesses momentos eu passo a entender o que o Skliar (2018) escreveu: “[...] uma conversa abre uma brecha no tempo”. Nossas tréguas se dão em sua maioria nos encontros! Os passeios com meu filho, aqueles olhos brilhando e aquele tanto de conversa, regada a perguntas e descobertas sobre a vida ainda está aqui, presentes em mim. Ali, você me permitiu te viver com outra intensidade. A maternidade passa muito depressa, você não perdoa, um dia a gente tem um bebê no colo, um conjunto de perguntas e preocupações com o futuro, e no outro, eles estão crescidos, cuidando de si e fazendo suas escolhas de uma forma lindamente independente. Mas há brechas no tempo, ah as brechas no tempo! Quando li Skliar, pensei que as brechas eram pausas, uma tentativa de parar o tempo. Mas aqui, em conversa contigo nessa carta, começo a perceber as brechas como um portal pactuado com a memória, que a gente entra e quase revive a alegria de um momento.

Nesta breve carta, busco contar um pouco de mim, das construções e pensamentos desses dias pandêmicos e da necessidade de conversar com e sobre o tempo! Eu ainda sou a menina que mirava o mundo por debaixo da franja! Eu ainda tenho o riso solto, a curiosidade no olhar, a alegria no encontro e a segurança num abraço. Ainda gosto das perguntas e de saber das pessoas. Acho que essas presenças que ainda me acompanham foram alimentadas na escola, na convivência com as crianças, as famílias, as descobertas e os muitos desafios. Sim, eu tive a alegria de ser professora, coordenadora pedagógica e diretora escolar, mas isso você sabe, afinal, organizamos muitas de nossas ações escolares controladas e orientadas por você, planejando cada ano letivo, fazendo contas para dar conta do futuro! “Preparando” professores e estudantes para alcançarmos nossas metas e compromissos escolares. Na busca por um amanhã que parecia estar à venda (KRENAK, 2020).

E foi essa urgência de futuro, essa busca por uma ideia de um amanhã, que me levou a pensar sobre a escola do presente! Que escola podemos ser para as crianças de 4 anos, suas especificidades e necessidades? Que escolas podemos ser para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de mais de 60 anos? Para eles, a escola que prepara para algo não é suficiente! O que precisamos para ser uma escola do presente? Como superar as armadilhas sutis do cotidiano que nos fazem viver um futuro que por vezes não chega? Quantas horas gastas para preparar um menino para o mercado de trabalho, para o concurso, para o vestibular? Um menino que não consegue chegar ao Ensino Médio porque teve sua vida interrompida por oito tiros. E se, somente se, ao invés da preocupação com o futuro e com o preparar a gente tivesse falado sobre a vida, sobre as dúvidas e incertezas do agora?

Tempo, ouvi dizer que você se apresenta de diferentes formas: passado, presente, futuro! Você tem seu lado *chronos*, mas tem seu lado *kairós*. Uma poeta linda, que amo, Cora Coralina, escreveu que “se a gente cresce com os golpes duros da vida, podemos aprender com os toques suaves na alma”. E assim desejo viver experiências contigo, pois é com teu lado *chronos* que aprendo a importância do teu lado *kairós*. E, é na sua versão *kairós* que as brechas se abrem!

Estamos buscando superar as cicatrizes desta pandemia que ainda não terminou, e creio que não terminará tão cedo. O número de mortes provocará dores, inquietações e sentimentos de impunidade. Como educadora, não deixo de me perguntar acerca das marcas, ausências/presenças e sentidos da escola nesse contexto pandêmico. Quase dois anos com as escolas fechadas! Lembrei das palavras de Ribeiro e Skliar (2020, p. 1):

O mundo parece estar se decompondo. Em sua decomposição, o esqueleto de algumas hipocrisias começam a se mostrar em sua gelidez e fealdade: o discurso neoliberal como remediador e democrático; a meritocracia como produtora de subjetividades obliteradas em sua potência; o absurdo da culpabilização da coisa pública pela falência do Estado; a política de mesmidade e homogeneidade como rota civilizatória e educativa; a educação como mercadoria; o pobre como culpável pela pobreza; o aluno que não aprende como culpado pela não aprendizagem; o professor como vilão da educação; o flagelo e o genocídio como políticas de governos; e a vida como bem substituível ou descartável.

E mesmo assim, quando uma pandemia coloca o mundo em pausa, essa percepção da pressa e da produção, em sobreposição a vida nos vence. Morrer no presente, para garantir a economia no futuro. Por poucos dias, acreditei que pudéssemos aprender com o isolamento, com as ausências, com as perdas. Mas conti-

nuamos marcados por uma sede e necessidade de futuro, e “[...] o futuro não é outra coisa senão a negação do sujeito e a proposição de algo diferente de quem se é: “deixa de ser tu para que possas ser alguém aceitável na confraria dos normais””. (RIBEIRO e SKLIAR, 2020, p. 15)

E para finalizar a escrita do texto, fico a pensar sobre a possibilidade de fecharmos essa conversa-escrita por meio de outras aberturas. Uma provocação que se faz pela compreensão de que “[...] o fechar é movimento, um movimento que pode provocar outras aberturas, outras conversas”. E nos chamam para um compromisso epistemológico, para um movimento em que “[...] pesquisamos/escrevemos para narrar, dividir o que nos passa, acreditando na importância de dar, compartilhar as experiências, não para apresentar um modelo, mas para talvez possibilitar o pensamento, produzir inquietações”. (SILVA e RIBETTO, 2019, p. 110). Então, assim como as autoras, vou fechando esta carta, abrindo possibilidades de outras conversas, outras ressonâncias.

Com afeto, presença, saudade e memória.

A menina que mirava o mundo por debaixo da franja.

Débora Amaral

Carta escrita aos professores da Educação Básica

Queridos professores da Educação Básica, em especial os professores Caiqueiros com quem constituo minha docência

Nesses dias tão singulares, em que a vida parece ter entrado em colapso total, acordei muitas vezes pensando em vocês, pensando na escola e em especial pensando nas ausências da escola e de vocês professores na vida das crianças, dos adolescentes e dos jovens e adultos. O distanciamento físico nos tirou a oportunidade de atentar aos corpos, as formas

de andar, e tantas formas de nos contar sobre a vida, sobre as violências, sobre as exclusões, que os nossos estudantes criam e encontram para nos comunicar sobre o mundo.

Ao ler a proposta da escrita desta carta, da problemática desse evento, fiquei inquietada com a pergunta: “que mundo queremos”? Ao longo da minha existência humana sempre fui acompanhada pelas perguntas, desde criança, gostava de perguntar: qual teu nome? Quem tu é? Por que o nome da mesa é “mesa”? Será que alguém nos observa e a gente não vê (e olha que não existia *Big Brother* na época)? O que é o amor? Desenvolvimento infantil? Será que todas as crianças se desenvolvem da mesma forma? Quais os sentidos e possibilidades da escola? Que histórias sobre as escolas vêm sendo contadas por meio dos programas de pós-graduação? Será que é possível uma ciência prudente, para uma vida decente (Boaventura de Sousa)? Para além da pergunta que mundo queremos, penso, quem podemos ser no mundo que temos?

No início da minha formação, no curso de Pedagogia, por algumas leituras e ideias, próprias dessa etapa da formação, eu acreditava que uma revolução aconteceria, algo que mudasse de forma eficaz o mundo, as relações, as pessoas, resultando na garantia de uma vida justa e igualitária. Ainda desejo esta vida, para mim, meus amigos e companheiros de docência e, em especial, para as crianças, adolescentes, jovens e adultos, estudantes da Educação Básica, com quem aprendi a ver e compreender a vida para além das minhas experiências, ou seja, ver a vida de forma coletiva. Porém o caminho que percorri e construí com professores da Educação Básica, as impotências que compartilhamos ao redor da mesa grande nos encontros formativos, com pautas ambientais, humanas, educativas, enfim, diversas, mostraram-me que as revoluções acontecem no cotidiano da escola. A revolução não é única, não

é de um herói, de uma liderança, de um ser considerado elevado. Ela é plural, ela é feita nos movimentos diários, nas tomadas de decisão, nos processos de escuta e nos processos de escrita. Ela é feita pelas crianças que ainda sorriem e brincam, apesar da miséria e da fome, ela é feita pelos estudantes do sexto ano, com quatro anos de reprovação e que continuam acordando cedo nas manhãs frias para estar na escola e ouvir os mesmos saberes que não conseguem entender, ela é feita pelos professores da Educação Básica, que são afrontados dia a dia por nossas formas de fazer ciência e de dizer o quão errada são suas práticas, mas eles continuam lá, produzindo saberes, reinventando a escola e sendo referência de cuidado e educação na vida de uma comunidade.

Então, partindo dessas memórias, que a escola me deu, quando pude atuar como coordenadora pedagógica e diretora escolar, convi-do vocês a pensarem comigo: “quem podemos ser no mundo que temos?”. Creio que essa pergunta pode apresentar outras possibilidades de pensamento e caminhos a ser trilhados, que, para além de pensar sobre o mundo que temos, coloque-nos como parte desse mundo, como integrante e responsável por ele.

Vocês professores da Educação Básica, com suas práticas e esperanças, mostraram-me que há uma tomada de decisão importante, um compromisso individual com o fazer educativo que vai para além das condições que se tem. Essa postura de vocês me faz pensar sobre o mundo, e sobre ser anterior a pergunta do mundo que queremos, pensar quem podemos ser no mundo que temos. Penso que nossas práticas precisam ter um compromisso maior com o presente, talvez mudando o presente, possamos ter um futuro outro.

Esses dias pandêmicos, apesar de assustadores e de provocadores de ausências, também provocaram presenças, entre tantas *lives*

que pude ver e ouvir, lembro com intensidade de uma frase de Boaventura de Sousa quando frisou que somos 0,01% da vida do planeta, e que é enorme o estrago, a destruição que esse percentual de vida produz. Sim, essas informações nos levam para o futuro, mas e hoje? O que podemos fazer hoje? Se esse percentual consegue destruir, não conseguiria respeitar, para que o mundo se reorganize?

O esperar da escola, das práticas docentes, permite-me esperar sobre a construção de mundos outros, que são construídos dia a dia na escola. Penso que se pudéssemos olhar para além das ausências, as escolas de Educação Básica, em especial as públicas, poderiam nos ensinar muito sobre quem podemos ser no mundo que temos.

Nossos professores conseguem ser presença, mesmo quando o caminho é de ausência. Vi, ouvi, senti e chorei com experiências construídas por eles na pandemia causada pelo covid-19. Chorei ao ver a emoção de alguns vendo seus alunos/estudantes/parceiros de tardes, manhãs e noites. Emocionei-me ao ver vídeos das crianças da Educação Infantil recebendo as caixas com materiais e recadinhos de suas professoras. Transbordei de encantamento ao acompanhar as presenças que esses professores e professoras foram construindo nesses dias tão singulares.

Essas experiências, ainda que singelas, permitem-me a construção da pergunta, que segue a ecoar: “quem podemos ser no mundo que temos?”. Há muitos caminhos e experiências que precisam ser construídos e conhecidos, caminhos que possibilitem o desenvolvimento da sensibilidade solidária, por meio de múltiplas vivências e reflexões compartilhadas, caminhos que desnaturalizem desigualdades, violências e qualquer tipo de opressão.

Enfim, que nossos cotidianos nos permitam a compreensão e a necessidade de outros conhecimentos, mais compreensivos,

para que possamos, para além de sobreviver, saber viver.

Um grande abraço!

Débora Medeiros do Amaral

Carta escrita à Rede Cirandar

Rio Grande, 28 de outubro de 2021.

Saudações aos leitores e às leitoras que aqui chegaram, na Rede Cirandar. Somos uma rede de formação de professores e profissionais da educação, e há uma década fazemos história no coletivo, partilhamos nossas histórias de profissão e de vida ao documentar nossos escritos em cada edição do projeto. Permitam-me trazer para essa conversa, as palavras de Clarice Lispector como modo de dar início à escrita.

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva. [...] Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a ‘coisa’ vem. Fico assim à mercê do tempo (2006, p. 179).

Minha escrita aqui reflete essa maldição que salva, ainda bem! É sobre o processo de escrever na docência que essa carta é tecida, uma escrita que salvou a timidez de falar, ainda nos tempos da graduação, que salva a vontade de expressar os sentimentos em uma folha de papel, e que salva, principalmente, meu desejo de encontro com minha própria história como professora, escritora e pesquisadora.

É assim que escrevo. Deixo que a “coisa” chegue, por vezes, rascunho em folhas de cadernos, e depois tenho prazer em reencontrar meus escritos. Já percebi que a “coisa” chega

quando permito abrir-me para uma experiência estética, vou detalhar, no decorrer desta carta, essa minha reflexão. Agora, quero me apresentar.

Nos meus últimos 16 anos de formação acadêmica e profissional, talvez um pouco mais, dedico-me aos processos de escrita. Comecei com a escrita em diários, sendo o modo que encontrei de falar, pois como já disse a timidez me silenciava nas aulas da graduação. Foi entre meus escritos que tomei a decisão que queria ser professora de Química, não me identificava com as pesquisas em laboratório, muito menos em ser uma pesquisadora na área, minha certeza era a de que queria ser professora de Química.

Durante esses anos, compreendo que na docência consigo viver a experiência da impermanência e do imprevisível, no encontro com o outro, na conversa e na partilha de saberes. Hoje, nos meus quase 10 anos como professora, aprendi que falar é preciso, e que, por vezes, também é uma maldição. Uma pena que hoje meus escritos ficam à mercê do tempo, ou melhor da falta de tempo para que uma frase possa nascer. Por isso, desejo estudar e escrever sobre os processos de escrita na minha atuação profissional, com as ressonâncias que o escrever favorece ao ser professora e pesquisadora na formação de professores.

Talvez, para quem já me conheça, irá dizer que não sou nada criativa em encontrar meu tema de estudo, visto meu encantamento pela narrativa. Mas, tenho um desejo de estudar a respeito da escrita de cartas como um modo de narrar de si e do outro. E, nesse processo reencontrar-me, talvez, com textos já lidos e na impermanência da vida perceber que não sou mais a mesma, e caso ainda tenha alguma certeza, que essa possa ser ressignificada a cada leitura e escrita, assim desejo! Quero viver a abertura para pensar e aprender sobre a escrita de uma carta e, de modo singelo e ini-

cial, arriscar-me a escrever minhas primeiras cartas narrativas.

O que escrevi até aqui, seria uma carta narrativa? Quais as dimensões formativas de uma carta narrativa? Como mobilizar a escrita de cartas narrativas na formação docente?

As perguntas convidam-me para o estudo e me mobilizam a fomentar a escrita de cartas de professores e professoras como um ato pedagógico, um ato político, um ato estético, pois “escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível [...]” (LISPECTOR, 2006, p. 179).

Fiz uma pausa e após alguns dias retorno para escrita, reencontro minhas próprias palavras tramadas nas reflexões sobre o ato de escrever e suas ressonâncias que ainda desejo compor na escrita desta carta narrativa sobre a escrita de uma carta narrativa.

Nesses dias do mês de novembro, busquei estudar, ler e dialogar a respeito da experiência estética a partir do reencontro com algumas narrativas escritas e vividas no contexto da pandemia. Deixo aqui um fragmento narrativo escrito de maio do ano de 2020:

São seis horas da manhã de 12 de maio do ano de 2021, pela janela um amanhecer com um céu nublado, frio e úmido. Em dias nublados, lembro-me de uma amiga brasileira, que conheci na Argentina, do qual fala que “dias cinzentos são um convite para encontrar a beleza que ali existia, as cores podem estar sem brilho do sol, mas elas existem é só você olhar! Desse modo, ela me animava a sair nos dias frios e nublados do inverno argentino. Hoje amanheci sem o registro do sol nascer, meditei, agradei e tomei uma xícara de café! Agora pensando, a beleza estava ali! Tal reflexão leva-me ao encontro com a experiência ontológica que, enquanto experiência, dá-se antes de toda atividade reflexionante. O verdadeiro motor da reflexão é a experiência do desconhecido e do estranho. “rata-se aqui, sempre, de algo ou de alguém que se encontra à nossa frente e, como tal, dirige-se a nós e inquieta-nos, devido única e exclusivamente ao fato de ser outro que nós mesmos” (p. 28)

Nas primeiras linhas do texto aponta inquietudes que leva a pensar a filosofia gadameriana, a ideia de reflexão humana como uma reação ao que nos acontece no mundo. Remeto a experiência narrada dos dias cinzentos que me inquieta, e busco nesses dias encontrar a beleza, desconhecida ou estranha aos meus olhos!

Escrevo e reescrevo para alimentar meu desejo de contemplar a beleza e o esperar de dias melhores e menos desiguais. Hoje encontro-me renovada com a chegada do mês de novembro, mesmo que acelerado por vezes, como a intensidade dos dias de verão que se aproxima e nos aguça a querer viver mais, a caminhar, sentir calor do sol e a contemplar a beleza das flores, cores e cheiros. Cá estou/ estamos há quase dois anos atravessados pelo contexto pandêmico em nossas vidas pessoais e profissionais.

Quais palavras nos representam como professores e professoras nesses últimos tempos? Talvez reinventar, repensar, recriar, reexistir, reviver, reencontro, dentre outros... Aqui, remeto a pensar e conversar sobre as palavras que começam com “re”, sendo palavras que carregam a ideia de “mais uma vez”. Jorge Larrosa em suas reflexões nos diz que mais uma vez estamos aqui repensando os contextos educativos, visto que há um conjunto de gestos que pertencem ao ofício de ser professor, como o interesse, o compromisso e a atenção, como elementos principais dessa árdua tarefa de um viver um ensino remoto, *on-line*, híbrido e/ou presencial.

E nos faz perceber também que mais uma vez é preciso reviver o ofício de ser professor ao resgatar uma ideia de beleza que precisa ser compartilhada, sendo a beleza como algo que exige um distanciamento, sendo a beleza aquilo que você não pode se apropriar, mas sim contemplar e admirar, pois a beleza demanda também parar.

Uma carta narrativa pode vir a ser um modo de contemplar, de parar e admirar a beleza de

viver a escola e a nossa profissão docente. Escrever exige parar, ir mais devagar, afinal, o falar pode ser acelerado, mas para o escrever é preciso ter tempo, alinhar as palavras e as ideias, talvez seja um modo de lidar com esse “aligeiramento” do tempo, e permitir que a beleza possa ser percebida, que as formas de beleza possam ser traduzidas na escrita de uma carta pedagógica.

Até aqui, desafie-me a tecer compreensões primeiras sobre as dimensões formativas de uma carta narrativa, e sobre o meu ato de escrever, pela simples curiosidade intensa que me habita, e pelas possibilidades que a escrita me dá, de entender coisas que antes não entendia.

Até breve!

22 de novembro de 2021.

Aline Dorneles

Cartas narrativas, memórias e compromisso social

A escrita de cartas narrativas, dentre tantos conceitos e compreensões, é também uma ação que ocupa um lugar importante no campo da memória, no seu exercício enquanto compromisso social. Garcia (2004, p. 1) argumenta que:

[...] la memoria, incluso la denominada individual, se construye sobre la base de narraciones que constituyen formas de discursos y modos de organizar experiencias, por ejemplo las pasadas, que son culturalmente dotados de significado, y que para ser inteligibles a la persona, grupo, sociedad, o colectividad a quien se presentan hay que expresarla en relatos lógicos que muestran la verosimilitud de lo que se está recordando o relatando. Ciertamente, en la vida cotidiana encontramos cantidad de narraciones sobre las experiencias colectivas.

À medida que compreendemos que narrar e relatar constituem o campo da memória, percebemos que as cartas e, em especial

as narrativas, são registros capazes de contar sobre os contextos e cotidianos escolares, e assim guardar as marcas e complexidades de seu cotidiano, convite à experiência da escrita junto a outras professoras e professores, e também algumas cicatrizes deixadas pela pandemia provocada pela covid-19. As memórias escolares nos permitem revisitar e visibilizar as experiências coletivas de formação docente e discente vividas no cotidiano escolar e, assim, narrar de forma (auto)biográfica a constituição de saberes da experiência, bem como reconhecer as professoras como protagonistas de saberes pedagógicos, que produzem documentações narrativas da experiência pedagógica, uma vez que

[...] estas experiencias colectivas de movilización intelectual y político-pedagógica, que suponen procesos de formación y desarrollo profesional docente centrados en la investigación pedagógica de la experiencia escolar, se vienen pensando y estudiando como modalidades nuevas o alternativas de organización social y técnica de y entre educadores para la producción, publicación, circulación y validación de saberes pedagógicos desde la recuperación, reconstrucción y documentación de la experiencia escolar. (SUÁREZ, 2016, p. 33-34).

Assim, partindo da contribuição de Suárez, entendemos que a escrita de cartas no contexto escolar pode contribuir na construção de relatos capazes de produção de documentação narrativa da experiência pedagógica. O achado das cartas como proposta metodológica e a compreensão da escola enquanto espaço de produção de conhecimento provocaram em nós movimentos de busca por pistas, presenças, memórias e escritas. E como diz o ditado popular, quem procura acha!

Nesse sentido, as cartas compartilhadas neste breve texto contam sobre dias pandêmicos, o compromisso social da memória e a necessidade de dizer a palavra. Uma escrita de si, uma escrita sobre os cotidianos vividos

na escola e sobre os conhecimentos que surgem nesses cotidianos mesmo, em momentos de reinvenções e luto. Desejamos que a leitura deste texto seja uma provocação para pensar o lugar da escrita na prática docente e seu compromisso com a memória. Acreditamos que cartas narrativas podem ser um caminho possível para guardar a memória, dizer a palavra, estar em conversa e também para o reconhecimento de professoras e professores como escritoras, como narradoras de suas práticas, pesquisadoras de seus cotidianos. Talvez, as cartas narrativas sejam ações potentes de memória social e política capazes de registrar nossas formas e descobertas de ser e fazer escola, mesmo em tempos tão sombrios.

Enfim, acreditamos e apostamos na concepção de cartas narrativas enquanto uma possibilidade de documentação pedagógica narrativa, pois acreditamos que escritas epistolares podem contar sobre cotidianos escolares e sua complexidade, e assim oportunizar possibilidades outras de conversa e quiçá garantir movimentos de autoria a professoras e professores da Educação Básica na construção do conhecimento.

Conversas-escritas em cartas narrativas: possibilidade metodológicas

“E o que é metodologia: uma série de procedimentos aprioristicamente aplicáveis ou um processo dialógico, ético, estético e político através do qual se torna possível construir conhecimento a serviço do assombro, da dúvida, da indagação?” (Ribeiro e Guedes, 2018, p. 17).

O campo da investigação narrativa nos convida a formas outras de pesquisa, que busque atentar para o minúsculo, como tão bem nos conta Sampaio, Ribeiro e Souza (2018, p. 25) quando nos convidam a pensar sobre a conversa como metodologia de pesquisa, uma

vez que “[...] conversar é parte da vida cotidiana de todos/as nós”. Essa costura entre pesquisa, metodologia e cotidiano tem sido uma presença que buscamos em nossas intenções metodológicas para o desenvolvimento das nossas investigações com as escolas, seja na tese de doutorado que busca a compreensão de pedagogias outras ou na ação de extensão e pesquisa Cirandar, como lemos nas cartas aqui compartilhadas. Pensar e viver outras metodologias possíveis se faz pela compreensão que a complexidade da vida e da escola, por vezes, convidam-nos a alargar alguns conceitos e métodos. Que metodologias podemos construir nessas andanças investigativas que nos permitam tecer a vida, o trabalho, o conhecimento, o presente?

A vida que se tece no cotidiano da escola nos inquieta a essas buscas, e nos provoca a compromissos epistemológicos e sociais que buscam resgatar as experiências e perguntas que ecoam em nossas trajetórias enquanto pesquisadoras. Com centralidade na investigação narrativa autobiográfica, almejamos compreender os movimentos de costura da vida, do trabalho e da formação docente e, assim, documentar narrativamente os conhecimentos produzidos no cotidiano escolar. Neste texto, escolhemos compartilhar algumas escolhas metodológicas no desenvolvimento de nossas pesquisas, que têm por compromisso contar sobre experiências vividas e construídas no contexto da escola de Educação Básica, atentando de forma sensível ao saber da experiência, que é tramado nas relações entre conhecimento e vida humana, que o cotidiano escolar vai constituindo, ainda que de forma artesanal, na organização de suas práticas, de rotinas, de seus tempos/espacos de formação e na produção de documentações narrativas.

Nesse sentido, a conversa-escrita presente na cartas narrativas nos possibilitam a construção de alguns caminhos teórico-metodoló-

gicos da investigação narrativa autobiográfica e, nos permitindo compor e tecer compreensões de metodologias investigativas outras, que atentam para as tramas de gentes e saberes, num constante repensar, um reviver e um reconstruir dos saberes da experiência.

Pensar os caminhos metodológicos, escolher os percursos possíveis, são, por vezes, um conjunto de intenções e planos, organizados a partir das memórias, vivências, experiências e conhecimentos de quem viveu o cotidiano escolar. E revirando nossos baús de memórias com os contextos escolares percebemos que a conversa e a escrita são presenças que marcam a escola de forma coletiva.

Partindo da compreensão de que “[...] pesquisar é estar com outros e entre outros, não pode prescindir do diálogo, da escuta, da atenção” (RIBEIRO & GUEDES, 2018, p. 17), apostamos nas conversas-escritas em cartas narrativas como possibilidades de estar com o outro, em escuta, atenção e diálogo. E como marcas dessas possibilidades acreditamos na necessidade de alterar percursos, e construir outras possibilidades de fazer pesquisa.

Encontramos na possibilidade de narrar as presenças do cotidiano por meio da escrita de cartas formas de captar as sutilezas dos movimentos cotidianos, o direito e a sensibilidade de contar outras histórias sobre a escola, suas potências, suas reinvenções, suas descobertas. A escrita de cartas narrativas é aqui compreendida como caminhos epistemológicos que nos desafiam a estabelecer princípios dialógicos, a vivenciar partilhas de cenas e memórias do fazer escolar, visando recuperar, reconstruir e visibilizar a documentação narrativa da experiência escolar, como compromisso de valorização dos conhecimentos por ela construídos.

A conversa e a escrita estão presentes na escola, com elas guardamos nossas histórias individuais e coletivas, nossas formas de ser e fazer escola, nossas possibilidades de ação e

formação. As cartas narrativas podem ser dispositivos metodológicos que fazem com que a conversa e a escrita tornem-se “[...] presentes como uma voz que nos interpela” (FELGUEIRAS; SOARES, 2004, p. 110), uma voz narrativa, uma voz que se imprime no papel e nos oportuniza a experiência de documentações pedagógicas da escola. Ana Mignot e Maria Cunha (2006, p. 41) nos contam sobre os “[...] papéis escritos tidos como “ordinários” tais como cartas, diários, autobiografias, dedicatórias, cadernos de receitas, cartões de felicitações e cartões-postais, até então escondidos dentro de gavetas, armários e caixinhas”. Nesse sentido, nossa intenção metodológica tem sido o exercício da memória enquanto função social, fazendo com que essa escrita presente na escola possa ocupar e dar sentido às nossas pesquisas.

Entrar em conversa com a escrita que emerge da escola por meio das cartas tem sido processo importante das etapas da pesquisa. O encontro com essas conversas-escritas nos convida ao exercício de novas escritas, marcadas por princípios hermenêuticos, pois encontramos na investigação narrativa e (auto)biográfica, essa capacidade de (re)invenção, uma vez que “[...] la narrativa resulta así apropiada para la especificidade intransferible de los relatos educativos, ya que permite reconstruir y reorganizar la experiencia através de um relato, asumiendo la complejidad de la tarea del investigador como intérprete” (PORTA, BOXER e RAMALHO, 2019, p. 145). Assim, nessas andanças investigativas, vamos nos movendo em busca de metodologias possíveis, que nos permitam atentar para a presença das conversas e do exercício de escrita como marcas nos cotidianos escolares e nos possibilitem um processo de análise que não se faz sobre as palavras da escola, mas com elas, pois a escrita de uma carta é também um convite e uma espera de resposta, proporcionando assim um movimento circular e interativo de análise e

compreensões interpretativas da docência e das relações diversas vividas nas instituições escolares.

Por fim...

Ao longo da escrita deste texto, revisitando a experiência de escritas de cartas narrativas, revisitamos também nossas existências. Fomos descobrindo formas de habitar e ser escola, como profissionais que estamos sendo. Por vezes, nos pegamos pensando sobre os saberes e conhecimentos que construímos, sobre as redes que tecemos e nos tecem, sobre as *palavramundo* que ardem em nossos corpos. Dialogamos e aprendemos na instituição escolar, mas sempre que mexemos em alguns baús de memórias, os achados encontrados por lá nos contam de encontros de gentes, encontros marcados pela diferença, pelo afeto, pela escuta e pela fala.

Em movimento, no campo da pesquisa narrativa e autobiográfica, vivemos encontros marcados pela lindeza de narrar a vida, o trabalho e os cotidianos escolares, enfim, descobertas. E, nesse andarilhar, nesses encontros com as memórias, com os guardados, temos pensado, provocadas por Paulo Freire, no exercício de dizer a palavra, e aqui, ousamos dizer, no exercício de ser palavra, pois dizer a palavra, a nossa palavra, a palavra da escola é uma aprendizagem. As cartas narrativas nos colocam em conversa com e sobre a palavra, pensamos nos espaços e exercícios da palavra escrita de docentes e estudantes, ou seja, das pessoas que habitam e são escola. Quando exercemos o direito de dizer e ser palavra em nossos contextos educativos?

Temos vivido intensamente o exercício da escrita, como um convite à conversa, por compreender a conversa como presença em investigações narrativas e autobiográficas. As cartas aqui compartilhadas contam de sonhos e de

encontros, confidenciam medos e inseguranças. Entre os encontros com as memórias, com a escrita, temos sido convidadas a ampliar o olhar sobre o conceito da palavra, para além da palavra-falada; entramos em encontro com a palavra-corpo, a palavra-imagem, a palavra-território, a *palavramundo* freireana. E sim, no exercício de ser palavra, os habitantes das escolas contam cotidianamente sobre formas de ser escola e fazer educação, em diferentes contextos socioculturais e econômicos. Alguns desses sentidos e contextos narramos aqui, em nossas cartas, denunciando o silenciamento da palavra como ato de violência e opressão que cerceia a beleza e a potência da escola.

Referências

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In*: Oliveira, I. B. e Alves, N. (orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-38.
- LISPECTOR, Clarice. **Correio Feminino**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- DOMINGO, José Contreras. Relatos de experiência, en busca de un saber pedagógico. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 1, n. 1, p. 14-30, 11, 2016. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2518>. Acesso em: 28 ago. 2022.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro; SOARES, Maria Leonor Barbosa. O projeto “Para um Museu Vivo da Escola Primária” – concepção e inventário. *In*: MENEZES, Maria Cristina. (Org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2004. p. 105-130.
- FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 63ª ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. p. 11-30.
- GARCIA, Jorge Mendonza. Las formas del recuerdo. La memoria narrativa. **Athenea Digital**, nº 6 – otoño, 2004- ISSN: 1578-8 946. Disponível em: [882](http://an-</p></div><div data-bbox=)

talya.uab.es/athenea/num6/mendoza.pdf. Acesso em: 28 ago. 2022.

GARCIA, Regina Leite e ALVES, NILDA. Conversas sobre pesquisa. In: ESTEBAN, Maria Tereza e ZACCUR, Edwiges. (Orgs.) **Professora pesquisadora: uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-125.

GUEDES, Adrienne Ogêda e RIBEIRO, Thiago (orgs). **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio.; CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em e arquivos de professores/as. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 25, n. 11, p. 40-61, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8286>. Acesso em: 28 ago. 2022.

PORTA, Luis.; BOXER, Matias e RAMALLO, Francisco. Tres (re)inscripciones performativas: discolar la pedagogía, expandir la docencia e interrumpir el dolor social. **Praxis Educativa**, v. 23, nº. 3 (septiembre - diciembre), 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7109720>. Acesso em: 28 ago. 2022.

RIBEIRO, Tiago e SKLIAR, Carlos. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. **Série-Estudos** - Periódico Do Programa De Pós-Graduação Em Educação Da UCDB, v. 25, n. 55, set/dez, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v0i0.1484>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SAMPAIO, Carmen Sanches, RIBEIRO, Tiago e SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago, SOUZA, Rafael de e SAMPAIO, Carmen Sanches. **conversa como metodologia de pesquisa - por que não?** Rio

de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 21-40.

SANTOS, Boaventura Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

SILVA, Daian Pilar Andrade de Freitas e RIBETTO, Anelice. Cartas e conversações - uma experiência de pesquisaescrita na diferença. In: GUEDES, Adrienne Ogêda e RIBEIRO, Tiago (Orgs). **Pesquisa, alteridade e experiência** - metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu: 2019. p. 93-112.

SOUZA, Valeska Virgínia Soares. Eu... Uma pesquisadora narrativa: aprendendo a pensar e escrever narrativamente. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 3, n. 9, p. 966-982, 2018. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5604>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino. Investigación (auto) biográfica como acontecimiento: contexto político y diálogos epistémico-metodológicos. **Revista de Educación de la Universidad de Málaga, Márgenes**, 1 (3), 16-33, 2020. Disponível em: <https://revistas.uma.es/index.php/mgn/article/view/9613>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SKLIAR, Carlos. elogio à conversa (em forma de convite à leitura). In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de e SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa, por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 11-13.

SUÁREZ, Daniel Hugo. Relatos de experiência, redes pedagógicas y prácticas docentes en el nivel inicial de la provincia de Buenos Aires. **Revista Teias**, [S.l.], v. 15, n. 37, p. 41-70, set. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24420> Acesso em: 30 ago. 2022.

Recebido em: 10/09/2022

Revisado em: 23/11/2022

Aprovado em: 26/11/2022

Publicado em: 15/12/2022

Débora Medeiros do Amaral é doutoranda em Educación pelo Programa Específico para la Formación de Investigadores en Investigación narrativa, (auto)biográfica y biográfica en Educación, pela Universidad Nacional de Rosario (UNR). Membro do grupo de pesquisa Tramas Narrativas. E-mail: deboraamaral@furg.br

Aline Machado Dorneles é doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Pro-

fessora da FURG e do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências dessa mesma instituição. Professora colaboradora do Programa Específico para la Formación de Investigadores en Investigación narrativa, (auto)biográfica y biográfica en Educación, pela Universidad Nacional de Rosario (UNR). Líder do grupo de pesquisa Tramas Narrativas. *E-mail:* lidorneles26@gmail.com